

Passageiros da Passagem: corpo, ação, reflexão

Edgard Mesquita de Oliva Junior
Doutorando em Poéticas Interdisciplinares – PPGAV/UFRJ
edgardjunior@ufba.br
Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8651134843927843>

RESUMO

O presente artigo propõe discutir, a partir da criação e execução da intervenção urbana “Passageiros da Passagem” - Rio de Janeiro, 2012 , a questão do corpo inserido no contexto das grandes metrópoles urbanas e as modificações que estamos vivenciando no âmbito de usarmos o nosso corpo “contra” o tempo destinado a nossos afazeres, nossos prazeres e desconfortos proporcionados pelo modus vivendi por que estamos optando. A partir das reflexões de alguns autores, como Cristine Mello, Renato Cohen e Nicolas Bourriaud, podemos perceber que, em muitos casos, o corpo não está respondendo aos instintos naturais, mas aos destinos de uma nova “nação cultural” que, em termos globais, nos levam a uma sociedade mediatizada e controlada pelos sistemas corporativos da era eletrônica.

Palavras chave: corpo; intervenção urbana; passagem; tempo.

Passengers of the Passage: body, action, reflection

ABSTRACT

The present article proposes to discuss, through the creation and implementation of the urban intervention " Passengers of the Passage" - Rio de Janeiro 2012 , the matter of the body inserted into the context of large urban cities and the changes we have been experiencing on the extent of using our body "against" the time devoted to our chores, our pleasures and our discomforts derived from the Modus Vivendi that we are choosing. Through the reflections of some authors such as Cristine Mello , Renato Cohen and Nicolas Bourriaud , we are able to realize that , in many cases , the body is not responding to natural instincts but to the destiny of a new " cultural nation " that , overall , we have been walking toward a mediatised society and controlled by corporate systems of the electronic era.

Keywords: body, urban intervention; passage; time.

A intervenção urbana “passageiros da passagem” propõe despertar no público participante, assim como no público que a observa, a importância de se refletir sobre o nosso corpo e o precioso tempoⁱ do qual dispomos, sobretudo para voltarmos o olhar sobre a massa física e biológica que sustenta nossa força criadora, ou, ainda, sobre o corpo que deseja, detém e tenta controlar o tempo. Dessa forma, apresenta-se como passageiros da passagem, uma ação para ambiente externo dentro do contexto urbano das grandes metrópoles, apontando para o sujeito humano como corpo reflexivo para as ressonâncias da ação. Dirigindo-se àqueles que vivem nos grandes centros e que, apressadamente, cruzam os espaços estabelecidos aos transeuntes, a intervenção tem o propósito de, por natureza da ação, propor um alerta a todos sobre o nosso corpo “inserido” num tempo cronometrado, o tempo exigido por nossos afazeres, cuja maior finalidade incide no ganho monetário em detrimento do prazer do corpo; gerando, então, uma espécie de deformação nas nossas estruturas relacionais.

Por conta desse cotidiano “deformado”, o corpo anatômico modifica-se e adquire novas morfologias e fisiologias, além de mudanças psicológicas graves no comportamento humano. Observando-se a cronologia do cotidiano laboral, propõe-se, em “Passageiros da Passagem”, um momento de descontração para o sujeito que empenha seu corpo, fazendo-o “deslizar” sobre a faixa de pedestres das grandes avenidas, deitado sobre um colchão de ar posicionado sobre o instrumento de tração humana popularmente conhecido como “Burro sem rabo”ⁱⁱ. Propõe-se a ação àqueles que estejam no contexto do ambiente urbano no momento da execução da intervenção urbana. Dessa forma, a ação performática tem como foco despertar sobre o público em geral que as práticas atuais de convivência na sociedade contemporânea, especialmente nos grandes centros urbanos nos quais se vive sob a pressão do “cronômetro”, do não ter tempo, pois necessitamos estar sempre com pressa para desenvolvermos as nossas atividades diárias, das quais, muitas vezes não benfazejas ao nosso corpo biológico, impondo-nos, com isso, um certo ritmo de máquina.

A intervenção urbana “Passageiros da Passagem” tem seu start a partir da necessidade do artista em expressar-se “politicamente” com fins de perpassar a camada de repetição das ações do comportamento humano, que, espelhado no cotidiano das grandes metrópoles, projeta-se além do “saltar muros e obstáculos” impostos pelas regras do jogo das sociedades civis, ou políticas, nas quais os sujeitos atuantes seguem regras predefinidas, seja de interesse pessoal, seja de um coletivo. Dessa forma, podemos falar de performance, ou intervenção urbana, como um formato de obra construída sob um modelo mais politizado e aberto ao entendimento entre público e comunicador, como um diálogo direto entre artista e público perceptor, muitas vezes participante e atuante na troca de signagem. A predisposição e a exposição do corpo, ou dos corpos, evidencia os desejos da manifestação pública para “este corpo”, e demais corpos presentes, como os espectadores ou espectadores-atores. Esses corpora sofrerão modificações após serem “contaminados” pelos outros-corpos-em-ação. Durante a ação, o corpo desenha, e expele, o “formato das couraças” impregnadas e interiorizadas em nosso modelo de corpo, cuja cultura do consumo imposta pela organização social vigente, e que atua na política do trabalho do nosso dia-a-dia, impõe um determinado modelo cujo padrão é apresentar-se como os demais. Conclui-se que, durante as ações performáticas, podemos perceber os “desenhos” corporais os quais as ações permitem revelar, desenhos que revelam nossos desejos para com o corpo, tidos como ações anteriormente fechadas, que não atingiam nossa mente nem nosso corpo, pois que emitiam ressonâncias que poderiam modificar nosso padrão comportamental, alterando, dessa forma, nossas estruturas enrijecidas e moldadas por um modelo social imposto pela máquina política e religiosa vigente nos grandes sistemas das sociedades hegemônicas e de caráter controlador.

Na ação corporal há sempre uma intenção política. A continuidade dessa intenção política dependerá das ações do corpo atuante e das respostas do espectador/receptor. O performer torna-se o fruidor da ação, sobretudo, durante e após a interatividade para com o meio e para com o espectador, como argumenta Renato Cohen (2006) sobre a execução da obra diante do público:

Um imbricamento intenso entre criador-criatura-obra, a cena dá tessitura às fraturas pós-modernas, estabelecendo um continuum nas discontinuidades, permeando intensamente as ambiguidades arte/vida. Nessa ordem, legitima-se o fragmento, o assimétrico, o informe, rasgo da epifania. (COHEN, Renato, 2006, XXIV).

A epifania à qual se reporta Cohen trata-se da total interatividade entre público e atores, entre o meio e a *creation in process*, sobre os quais as ações de atores e receptores estão em total sincronia. Não há, neste caso e no momento de “internações”, sintomas diacrônicos entre as partes. A pulsão criadora do performer dá-se a partir de procedimentos desconstrutivos para que seja possível executar uma estética construtiva no sentido de estabelecer uma analogia entre forma e público, temporalidades e lugar, meio e intenção. Para Santaella (2002) “... a cultura humana existe num *continuum*. Ela é cumulativa, não no sentido linear, mas no sentido de interação incessante de tradição e mudança, persistência e transformação”, conforme Mello (2008, p. 39). Nesse contexto, observamos a ação em estudo como uma “exposição” do desejo e da corporeidade coletiva, do manifestar-se diante da urbes, diante dos afazeres que muitas vezes os realizamos sem desejo, sem penetrar nos “sabores” proporcionados pelo êxtase da ação quando estamos realizando algo em prol do corpo, da matéria intelectual, ou da circulação do “sangue” no pulsar das veias vívidas e alimentadoras dos nossos anseios: respirar, oxigenar e movimentar-se. Contradizendo a lógica biológica, construiu-se a cultura do consumo, do expansível ao monetário, para a aquisição de bens, do abandono do ser em seu estado de espírito e natural de ser, humano, animal, e pertencente a uma cadeia de subsistência. Portanto, não pertencemos mais a essa sinonímia de cadeia natural das relações, do evento biológico. Extrapolamos o verdadeiro significado do ser, de sermos naturalmente agrupados como ser biológico, para uma interrelação entre o próprio ser na sua comunidade, pois que, criou-se o conceito de cultura, de enraizamento do conhecimento, das novas práticas sociais em grupos definidos como “tribos” contemporâneas e das repetições das memórias registradas no tempo de ser, de cada Ser.

O avançar tecnológico nos propõe uma memória eletrônica. Para tanto, trabalhamos o corpo como referencial de nossas atitudes do cotidiano, nossas percepções e nossas ações. Experimentamos o corpo como objeto de manipulação diante das tecnologias vigentes, percebemos o corpo como parte da sociedade em transformação na qual vivemos. O corpo como corpo para as atividades diárias que nos mantêm vivos, o corpo como meio para nos conduzir a lugares, lugares do amanhã, lugares ainda não conhecidos, lugares que nos permitem sonhar, lugares para reflexão, lugares que nos permitirão ficar e criar vínculos. Lugar político na sociedade. Lugar para completar nosso pensamento, lugares e espaços que nos permitirão compreender o corpo híbrido. Sendo assim, chamo a atenção para algumas palavras de Mello (2008) que nos expõe que

O corpo torna-se um campo de passagem entre elementos orgânicos e sintéticos, uma estrutura híbrida, fluida e dinâmica, como em uma comunidade em que todos os elementos acionam intercâmbios, ou mesmo um ambiente capaz de ser transformado e moldado. (MELLO, 2008, p. 141);

No âmbito da pesquisa em grupo e das práticas laborais para que pudéssemos executar a intervenção urbana “Passageiros da Passagem”, buscamos estabelecer entre nós participantes / atuantes, os imbricamentos para a construção sógnica da nossa proposta. O ato significativo do caminhar, tendo o pé como elemento “perturbador”, agregador e instigante para o olhar, perceber como o outro gesticula o impulso corporal, foi o ponto de partida para iniciarmos o desenho do que viria a ser a ação. Após alguns diálogos, laboratórios visuais e gestuais, além de leituras sobre as questões do corpo e, sobretudo, das ações deste corpo, ou seja, como o “meu corpo” se comporta diante de diferentes corpos e situações em que ele se encontra, além das diferentes texturas visuais e sonoras perceptíveis, diferentes cheiros, diferentes meios – ambiente circundante -, diferentes reações de outrem – o público passante -, da ausência, ou não, de luz etc., constituíram-se em instantes de extrema abundância de informações que proporcionaram a criação e a execução da ação. Para tanto, permitiu-se conhecer além dos corpos os diversos ambientes físicos imaginados para a prática daquilo que se propunha, a execução da obra no ambiente designado e pelo qual se

percebeu que teria uma total comunhão entre o pensar e realizar do ato. Foi necessário antever e compreender a obra em seu ambiente designado, propondo-se, então, diversos locais da cidade do Rio de Janeiro, incluindo espaços e texturas do campus universitário, espaço externo MAM/RJ, o centro comercial e financeiro da cidade, locais estes que puderam ser “medidos” na sua intensidade concomitantemente com a proposta do corpo em ação no ambiente “estrangeiro” para aquela ação de deitar-se, posto na horizontalidade e em confronto com a verticalidade ou a modalidade “normal” de deslocamento no contexto urbano e da rotina de uma cidade de médio ou grande porte. Portanto, houve uma excelente prospecção para a construção da obra, e possibilidades para a execução em espaço aberto e público. Por fim, foi possível pensar e esboçar melhor a proposta a partir dos espaços conhecidos e testados, detectar as relações que os respectivos ambientes têm para com seus passantes, seus corpus vivendi do dia a dia, e as questões sociais que esses espaços engendram. Buscou-se, então, entender a dimensão que a proposta teria para um futuro “relacionamento” entre criadores/atores e público participante. Não obstante, nos preocupava o caráter social e político da ação, e suas causas para com o contexto do homem contemporâneo, do homem que tem sua urbe cada vez mais reduzida no sentido de expansão do seu lazer, da sua integração para com a vida social e biológica dentro de um contexto mais harmônico, cuja condição do existir está relacionado a um “preenchimento” de tempo cronometrado e onerosamente condicionado à conquista de um espaço social no conjunto do dia a dia sob o qual sobrevive.

Partindo-se da afirmação de Nicolas Bourriaud (2009), de que “... toda obra de arte pode ser definida como um objeto relacional, como o lugar geométrico de uma negociação com inúmeros correspondentes e destinatários”, a intencionalidade da ação proposta foi exatamente estabelecer esta relação de “olhe isto aqui”, “veja como você está se comportando”, etc., etc., no plano das relações individuais, e coletivas, para com o trabalhoⁱⁱⁱ, ou não, e para a convivência do ser humano, na atualidade. A ação, “Passageiros da Passagem” procura modificar, sem qualquer determinismo, e sem delimitar, novas atitudes que se sobrepõem às

atividades diárias do cotidiano humano. Atravessar sobre a FAIXA DE PEDESTRES deitado em um colchão inflável, e este sobre um carro movido à tração humana para transportar resíduos sólidos, pode ser mais confortável para o corpo humano, ainda que seja por alguns segundos, do que “atravessar a vida sem percebê-la que vivemos”, ou, a passos apressados e pensando numa atividade de trabalho ou em qualquer outra ação que tenhamos que executar em poucos instantes na linha temporal que nos resta naquele dia, seja a volta para casa ou o cumprimento de alguma tarefa de nosso trabalho. Traduzindo: dinheiro; ou seja, a troca do injusto sacrifício do lazer para o estresse, em busca do “justo” monetário. Dessa forma, e a partir da nossa intervenção urbana, pretendemos expor ao público nossa condição de “escravos” de uma sociedade altamente mediatizada e que nos impede de ver sob qual condição nosso corpo se encontra, fatigado e em fragmentos após um, dois, três ou mais dias de extrema tensão. Segundo Bourriaud (2009), “Essa troca se resume a um binômio: alguém mostra algo a alguém que lhe devolve à sua maneira. [...] Quando um artista nos mostra alguma coisa, ele expõe uma ética transitiva que situa sua obra entre ‘olhe-me’ e o ‘olhe isso’”; (Bourriaud, 2009, p. 33). E, dessa forma nos pronunciamos : vejam, olhem como estão seus corpos!

NOTAS

ⁱ Para esta ‘temporalidade’ de “tempo”, venho defendendo a tese da não existência do tempo, sob o argumento de que *o tempo não existe, ou, existir é o tempo*. Essa atitude de definir o tempo como um instante presente na condição da existência, me ocorreu em uma praia deserta quando eu aguardava o objeto luminoso e motivo da minha pesquisa, a lua cheia e sua luz, defrontar-se à minha frente para que, ali, houvesse a ação performática e gravação daquele instante quase noturno. A partir de então concluí que, cada segundo, cada momento presenciado, é um instante vivido. Cada instante passado é um “ter existido” [= tempo] recordado, memorável e “guardado” em nosso arquivo cerebral, biológico, e que, cada instante futuro imaginado, ainda não existiu. Portanto, a fração de existência entre o passado e o que vai ocorrer no breve futuro das existências, o existir, estar no presente, tratamos como Tempo. Ratifico, portanto, as palavras de Borges, apud Fragoso, 2010, sobre o tempo.

ⁱⁱ Refiro-me ao veículo de tração humana denominado “Burro sem rabo” utilizado por trabalhadores informais, nas ruas das médias e grandes cidades, para conduzirem objetos de um espaço físico para outro, em geral, produtos do comércio local, ou restos de embalagens destes.

ⁱⁱⁱ No plano dos biomas naturais existentes a ação de cada indivíduo, ou grupo de indivíduos, está definida como “nicho ecológico”, ou seja, há uma função para cada ser dentro do bioma ou sociedade a qual participa, como é o caso de alguns grupos sociais de animais como abelhas, formigas, cupins, dentre outros, além dos grupos de animais que não vivem em colônias porém exercem funções – nichos ecológicos -, tão importantes quanto os demais, como os urubus, por

exemplo. Ou seja, dentro do ecossistema global, há uma função específica para cada grupo de animal ou planta, ou, de uma maneira mais abrangente, cada ser vivo tem sua função “programada” para a condição de existência e permanência no ambiente. A cadeia ecológica se fecha sob esta condição. Quebrando-a, há uma ruptura das atividades inerentes a cada ser, ameaça esta que paira sobre o planeta na atual condição de industrialização e faturamento de bens não biodegradáveis.

REFERÊNCIAS:

- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*; tradução Denise Bottmann. – São Paulo : Martins, 2009.
- COHEN, Renato, *Work in progress* na cena contemporânea : criação, encenação e recepção. – São Paulo : Perspectiva, 2006, (Estudos; 162).
- MELLO, Christine. *Extremidades do vídeo*. – São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2008.
- OLIVA JUNIOR, Edgard Mesquita de. Monografia apresentada à disciplina BAC 843 – Laboratório Experimentação e Criação Videográfica I -, PPGAV/UFRJ, doutoramento, período 2012.2
- SANTAELLA, Lucia. “Cultura midiática”, em Anna Maria Balogh *et al.* (orgs.), *Mídia, cultura, comunicação* (São Paulo: Arte & Ciência, 2002). Apud MELLO, 2008.

Sobre o autor.

Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1982), é mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (2006). É Professor Assistente DE, Nível III, da matéria Fotografia na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência no campo das linguagens visuais contemporâneas - fotografia, instalação, performance e vídeo -, além da fotografia documental. Atuou como professor de pintura nas oficinas de Artes Plásticas do Museu de Arte Moderna da Bahia, no período de 1994 a 2004. Dentre as atividades profissionais participou de palestras e seminários relacionados à Fotografia Contemporânea, exposições no Brasil e no exterior e ministrado cursos de curta duração na área da fotografia. Tem coordenado, constantemente, cursos de extensão em fotografia, no âmbito da universidade. Possui publicações de artigos acadêmicos e mais recentemente tem atuado como curador de exposições nas quais tem publicado textos de apresentações nos catálogos das mostras. No presente, faz o doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, linha Poéticas Interdisciplinares.